

---

RICHTER REIMER, Ivoni. *Santa Praxedes: uma jovem com funções eclesiais e sociais em Roma*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2016. 149 p. ISBN: 978-85-7103-929-2.

---

Ivoni Richter Reimer é teóloga e ministra luterana, pós-doutora pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas, Interdisciplinar da UFSC, doutora em Teologia/Filosofia pela Universidade de Kassel. Atua como professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e no Mestrado em História social da PUC Goiás e como assessora do Centro de Estudos Bíblicos e do Serviço de Animação Bíblica. É membro-fundadora da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica e de StritgängerInnen (Alemanha). Seu campo de trabalho é a pesquisa em exegese e hermenêutica bíblica e feminista, especialmente do Novo Testamento, mundo social dos cristianismos originários, história antiga, espiritualidade, ecologia e relações de gênero com foco no resgate e reinterpretação da participação das mulheres no cristianismo.

O livro “Santa Praxedes: uma jovem com funções eclesiais e sociais em Roma” é resultado de estudos e de pesquisa de campo realizados pela autora em Roma no ano de 2012. O objeto desta obra, a vida de Santa Praxedes e sua representação na Basílica de Santa Praxedes em Roma, é inédito no Brasil, sendo analisado de perspectiva histórica, teológica e iconográfica. A obra segue a linha da Teologia Feminista, resgatando tradições e histórias de mulheres que mostram a importância dos seus papéis sociais e de liderança, denunciando as opressões do sistema patriarcal e trazendo à tona a parceria igualitária entre homens e mulheres do movimento de Jesus e de ramos do cristianismo.

O livro se organiza com uma introdução e cinco capítulos. A introdução aborda temáticas necessárias ao entendimento dos dados e reflexões trazidas pelo livro: santidade, devoção e imagens. A santidade humana é entendida como resultante da santidade de Deus e vai se realizando na busca de viver de acordo com a vontade de Deus seguindo as obras de Cristo. No cristianismo antigo, algumas pessoas já eram veneradas por serem consideradas especialmente santas: apóstolos e mártires. Ao longo do tempo, o registro da vida e obra dos santos foi passando da via oral para a escrita – gerando as *vitas*, *legendas*, atos e hagiografias – e, devido ao alto índice de iletrados, também, foi passando para a iconografia. A celebração da memória dessas pessoas era comum na igreja e caracteriza-

va a devoção popular, em que eram praticadas liturgias nas catacumbas, túmulos e, a partir do séc. IV, nas basílicas que reuniam restos mortais e relíquias. A essa devoção popular somava-se o apoio de autoridades e instituições eclesiásticas que, de acordo com a importância local dessas personalidades, tornavam-se patronos de igrejas, cidades e profissões. No caso de Praxedes, é importante considerar que a devoção popular manteve sua memória e que o Papa Pascoal I, com sua estratégia político-ecclesial, resgatou e restaurou monumentos sagrados em homenagem aos mártires que estavam na rota litúrgica e isso inclui a Basílica de Santa Praxedes.

Essa devoção às pessoas santas, o uso de imagens e relíquias geraram conflitos, principalmente pela confusão entre devoção e adoração, com o uso de imagens e representações e, também, com respeito à teologia de mediação e intervenção. A temática foi objeto de concílios e da crítica da Reforma Protestante, o que mostra, ao longo do tempo, ondas tanto de movimentos iconoclastas como de recuperação do uso de imagens.

No primeiro capítulo, a autora faz uma retrospectiva de sua viagem de campo, explicando como se deu o encontro com Praxedes através da descoberta da basílica, e apresenta algumas imagens do contexto Romano e da Basílica de Santa Praxedes que instigam a conhecer parte da história dessa mulher.

No segundo capítulo, o foco é a História da Igreja a partir das histórias de mulheres tomando como fio condutor a história da própria Basílica numa composição que considera textos, contextos e arte. O primeiro passo é tratar das lutas iconoclastas e de como, junto com a história de Praxedes registrada nas imagens, é resgatada também a história da Igreja. Simultaneamente à reconstrução da Basílica por Pascoal I (817-824), receberam consequências do movimento iconoclasta que eclodira sob impulso do terremoto em Constantinopla em 726, pois o II Concílio Iconoclasta há pouco ocorrera (815). A arte religiosa devia respeitar limites colocados pelo Concílio II de Nicéia, que deu novo vigor a temas de missões apostólicas e relíquias martiriais. Sob influência da cultura carolíngia, a arte reafirmava, através da releitura do passado, as questões presentes, por isso, houve um retorno às origens e ressurgimento da memória e de visualidades em torno dos santos.

Considerando a atuação das mulheres, o crescimento da expressão imagética da Virgem Mãe e o fortalecimento do imaginário patriarcal em torno do casamento, a autora entende que a arte e arquitetura preservadas na Basílica de Santa Praxedes, são expressões tanto de espiritualidade e senso artístico, como de conflitos e relações de poder dentro da Igreja.

Em seguida, a autora mostra dados de pesquisa em escritos sobre a vida de Praxedes: *Vita Praxedes*, um conjunto de informações em cartas pseudopastorais e *legenda*. Seu pai, Prudenciano, e sua família converteram-se

no trabalho missionário de Pedro e colocaram a casa à disposição da Igreja. Os pais e irmãos de Praxedes foram martirizados, então, as duas irmãs, Praxedes e Prudenciana, assumiram a liderança da igreja, realizando serviços sociais e eclesiais, com atenção aos pobres e perseguidos e ao sepultamento dos mártires. Prudenciana também foi martirizada e, possivelmente, Praxedes, mas não se tem informações precisas.

Na Basílica, Praxedes é representada em muitas imagens, junto a mulheres e homens, Jesus, Virgem Maria, João Batista, os apóstolos, sua irmã, Papa Pascoal I, Santa Teodora, Santa Agnes e muitos mártires. A autora conclui que a sua figura foi apropriada para enfatizar a legitimidade e importância do uso de imagens a serviço da igreja, para testemunhar a fé e a memória de mártires, como exemplo de diaconia e amor ao próximo.

O terceiro capítulo objetiva uma análise das imagens da basílica, observando que as mulheres estão muito presentes, com o intento de reconstituir histórias. Algumas imagens têm a marca do Papa Pascoal I, vanguarda do renascimento carolíngio, que buscou reconstruir igrejas estratégicas, muitas com protagonistas femininas, recuperar relíquias de mártires e reintroduzir a devoção aos santos. Isso é importante para localizar historicamente o objeto dentro do projeto político-eclesial deste papa. A igreja remonta à comunidade doméstica que se reunia na casa de Praxedes no séc. I, mas foi reconstruída, reformada, modificada e recuperada diversas vezes até o séc. XVIII, quando o projeto de Pascoal I foi recuperado. Esse projeto tinha como motivo central a Sagrada Família, mas o próprio Pascoal I foi inserido, junto aos apóstolos, Santa Prudenciana e Santa Praxedes, como devotos da Mãe de Cristo. A mãe de Pascoal I, Teodora, epíscopa, também aparece nas imagens. Da observação destas imagens, a autora conclui que as mulheres foram protagonistas na história dessa igreja.

Com os dados reunidos até aqui, o capítulo quatro visa reconstruir a história de Praxedes e o uso feito pela Igreja das memórias, imagens e relíquias de homens e mulheres que sofreram martírio. A autora começa recuperando a história missionária de Priscila, Áquila, Paulo e Pedro e as igrejas domésticas que eram lideradas por mulheres em Roma. Em seguida, reconstrói a história de Praxedes, mostrando o martírio de sua família, seu trabalho diaconal de auxílio aos pobres, sepultamento de mártires e na liderança que exerceu. A igreja em sua casa era um centro de organização e resistência, que propunha acolhida e partilha. Para encerrar o capítulo, são trabalhadas as dificuldades encontradas na recuperação dessa memória: a identificação dúbia da mãe de Praxedes e a dificuldade de datação de sua história, lugares e pessoas, pois faltam datas em narrativas, algumas registradas muitos séculos depois, e inscrições tumbais.

O último capítulo retorna detalhadamente as imagens da Basílica de Santa Praxedes analisando-as e propondo uma interpretação para elas. Existe um

protagonismo de mulheres junto a Cristo, aos apóstolos e às autoridades eclesiásticas, indicando sua coragem, dedicação de vida e diaconia. Algumas imagens apresentam um traço apocalíptico que indica a vitória dos mártires sobre a morte e a vitória da fé cristã romana com a abertura aos povos. Outras imagens indicam a base da fé: Maria com Jesus menino, como a luz do mundo, João Batista, Moisés, Elias, e alguns apóstolos. Estas figuras são associadas a Praxedes e Pudenciana, que são modelos de vida cristã diante da perseguição. A autora conclui a obra refletindo sobre o poder da arte, das mulheres e de suas representações, convocando a posturas críticas e criativas para com a vida, a história e as relações.

Ao abordar a história de Praxedes e das mulheres a partir de suas representações naquela Basílica, a autora consegue penetrar na complexidade que ela envolve: a história da Igreja Cristã, o silenciamento das mulheres, a participação das mulheres cristãs nas comunidades, as perseguições que os grupos cristãos sofreram, o uso das memórias dos mártires e suas representações. Ela aborda problemas políticos-eclesiais que levaram à modificação, sobreposição ou resgate das imagens e do espaço da Basílica, considerando essas influências nas análises das imagens e na reconstrução histórica da vida de Praxedes e das mulheres, em um trabalho arqueológico e interpretativo.

A importância desta obra reside em descortinar atuação de mulheres no cristianismo antigo e suas reverberações posteriores. A vida de mulheres e homens cristãos, mártires e santos pode inspirar cristãs e cristãos como modelos de ação. No caso de Praxedes e das mulheres, temos modelos de liderança ativa, solidária, cheia de diaconia, entrega de vida e fé, que foram reconhecidos pela Igreja em diversos momentos. Com esse resgate, a autora dá uma contribuição para uma espiritualidade ecumênica e transformadora, principalmente das relações de gênero, e voltada para o cuidado mútuo. O livro pode ser útil para estudantes de história eclesial, teólogos, cientistas da religião, como ferramenta para repensar a atuação de mulheres na igreja cristã, e todos que se interessam em conhecer a vida de Praxedes.

*Dra. Carolina Bezerra de Souza*